Um ano após o término do tratamento intensivo (Fevereiro de 2011)

After one year of intensive treatment (February 2011)

José Ovidio Copstein Waldemar[*]

A pedido dos editores e por intermediação da psiquiatra do caso, entrei em contato com a família para marcar uma entrevista presencial. Apesar de minha boa vontade e flexibilidade de horário (inclusive disposto a visitá-los em casa), a família, no verão de 2011, não conseguiu agendar o encontro direto. Portanto, os depoimentos de Pedro, Marta e Raul foram obtidos através de contato telefônico individual com cada um.

Em relação a Raul, tanto a mãe quanto o pai estão vendo o filho mais maduro e equilibrado. Marta disse que a situação "melhorou oitenta por cento", mas que, tanto ela quanto o irmão menor, ainda sentem um desconforto quando ficam a sós com Raul, o que acontece muitas vezes por imposições rotineiras dos membros da família. Foram unânimes em afirmar que os resultados do tratamento em relação a Raul superaram todas as expectativas já que, no início do tratamento, a gravidade do que havia ocorrido deixara ambos muito pessimistas quanto à possibilidade de voltarem a ter uma vida familiar normal. Pedro acha que a família extensa ainda tem problemas com Raul, mas que este não nota nenhuma rejeição por parte deles.

Ambos elogiaram a equipe, destacando o acolhimento imediato e a dedicação dos médicos como o principal fator terapêutico: "Sempre achavam horários para nos ver que não complicavam nossa vida", disse o pai.

Em relação à participação da família extensa e à necessidade de se continuar o tratamento por mais tempo, o casal tem pontos de vista divergen-

[*] Psiquiatra e Professor do Instituto da Família de Porto Alegre. Ex-Presidente da Associação Brasileira de Terapia Familiar. Professor do Centro de Estudos Luis Guedes, Departamento de Psiquiatria da UFRGS.

tes. Para Pedro, as sessões com os familiares trouxeram à tona assuntos que, segundo ele, não eram relevantes para o problema em questão. Marta discorda; para ela, as sessões com os familiares foram muito importantes, pois acredita que o que aconteceu com Raul tem tudo a ver com problemas familiares que extrapolam o âmbito da família nuclear. Afirmou que gostaria de continuar a terapia de casal para tratar o alcoolismo de Pedro e de ter sessões de família para lidar com dificuldades que não se resolveram com a sogra. Pedro não aceita: "Depois de tudo que passamos, quero agora um tempo para descansar e respirar em paz".

Ao telefone, Raul disse que se acha bem equilibrado, está namorando e trabalhando e que a relação com o irmão menor nunca esteve tão boa. Acredita que o que mais o ajudou no tratamento foi a insistência da equipe em afastá-lo imediatamente das pessoas que lhe estavam prejudicando. Valorizou muito as conversas individuais com seu primeiro psiquiatra e também as sessões em família, mas essas não tanto quanto as individuais: "nas conversas com meu psiquiatra, eu mudava meus pontos de vista". Uma preocupação adicional da família são os efeitos sedativos da medicação de Raul que, segundo ele, "dão sono e prejudicam o trabalho". Raul está discutindo este tema com seu psiquiatra, mas Marta pensa que, não fosse a supervisão diária dos pais, Raul poderia não estar mais tomando os remédios.